

3º domingo depois de Pentecostes Próprio 8

1ª leitura (Antigo Testamento) - Deuteronômio 15:7-11

Os capítulos 12-24 do Livro de Deuteronômio, chamados de "Código da Aliança", são possivelmente sua parte mais antiga e original, ao mesmo tempo que seu centro. A teoria mais aceita é que esta "segunda edição da lei" (isto é, "deutero-nomos") surgiu numa versão ainda mais simplificada no Reino do Norte após a divisão do Reino de Israel em 931 a.C. No Reino do Norte ficaram 10 das 12 tribos de Israel. As dez tribos do norte tinham sido duramente exploradas pela monarquia durante o reinado de Salomão (cf. 1 Rs 12:4) e por isso a sua lei visava fazer justiça aos pobres (Dt 15:7-11). O Deuteronômio, na sua versão original, foi editado novamente em Judá, dentro de um forte aparato estatal centralizado sob o rei Josias (2 Rs 22:20 – 23:3).

A ética deuteronômica originária preocupada com a implantação de mecanismos de justiça social e redistribuição permanente da riqueza se reflete no texto deste domingo: *"Pois nunca deixará de haver pobres na terra; por isso, eu te ordeno: livremente, abrirás a mão para o teu irmão, para o necessitado, para o pobre na tua terra"* (Dt 15:11- Almeida).

A afirmação *"nunca deixará de haver pobres na terra"* foi erroneamente interpretada como uma justificativa divina para as desigualdades sociais. No entanto o texto busca minimizar as desigualdades através da solidariedade não apenas dos governantes, mas de todas as pessoas que sejam "menos pobres" ou "mais ricas" do que outras. A mesma função tinha o ano sabático que era uma Reforma agrária permanente que visava impedir o acúmulo de terra nas mãos de poucas famílias deixando a maior parte "sem terra". Dt 15:9 adverte aos depositários das terras para não realizarem artifícios evitando a obrigação de repartir a terra com as pessoas mais pobres.

A ética deuteronômica admite que as desigualdades fazem parte da sociedade humana, por mais igualitária que se proponha ser, mas propõe o desafio de tornar os pobres cada vez menos pobres através de mecanismos de justiça social que promovam a repartição da riqueza e evitem seu acúmulo ilimitado.

No entanto, essa ética deuteronômica é profundamente teológica e, como tal, entende que a justiça não deve vir apenas "de cima para baixo" (como tentou se implantar no reinado de Josias por ações governamentais) ou "de baixo para cima" (como era feito na vida tribal através das famílias) mas também "de dentro para fora" envolvendo nisso o "coração" do qual se fala em 15.7 e 9. Isto é, deve se amar a igualdade como expressão ética do amor a Deus e do amor ao próximo (como entendeu muito bem a comunidade de Corinto cf. 2 Coríntios 8:1-5). (HMG)

2ª leitura (Epístola) - II Coríntios 8.1-9, 13-15.

Na conversa entre Paulo, o apóstolo aos gentios com enviados dos judeus chegou-se à conclusão de que a Igreja em ambos os setores estaria unida no Evangelho, tomando a liberdade nas questões culturais. Entre os itens tratados

constou o levantamento das ofertas nas Igrejas entre os gentios em favor dos pobres de Jerusalém como sinal de solidariedade no Evangelho, na graça e na oferta, (ver Gl 2.10; Rm 15.25ss.; 1Co 16.1) Conforme Romanos e 1 e 2 Coríntios, esse sinal de solidariedade esteve presente nas viagens missionárias, conforme o que lemos na Carta aos Romanos e aos Coríntios. A coleta não foi algo imposto às congregações. (vs. 8). Mas o apelo foi fundamentado naquilo que identifica todos os membros da Igreja: a generosidade de Jesus Cristo na sua doação por todos, (vs. 9). A cruz de Jesus Cristo é ali interpretada dentro do contexto da campanha em favor dos pobres de Jerusalém. O importante é que, no vs. 4, o desejo e a ação dos membros da Igreja em Macedônia são descritos pelos termos como a graça de tomarem parte no serviço, que no grego, são *koinonia*, e *diakonia*. Esses termos descrevem a relação entre os membros da Igreja e destes com o Senhor da Igreja, aquilo que compartilham mutuamente (*koinonia*), enquanto *diakonia* é o ministério. Em Romanos 15.27, o serviço em favor dos pobres de Jerusalém é *leitourgias*, e tem a ver com a palavra que descreve a ação litúrgica. Em poucas palavras, ao levantar a oferta e levá-la aos pobres em Jerusalém a Igreja soletra um sinal da solidariedade no Evangelho, na graça, no serviço, na comunhão na liturgia e aponta para Jesus Cristo (vs. 9) em todas as atividades da Igreja. (ST)

Santo Evangelho: Marcos 5.22-24, 25b-43.

Em uma entrevista sobre sua vida, Millôr Fernandes disse que, depois de sepultar sua mãe, nove anos depois do seu pai, ele - que estava com 10 anos - sentiu paz; e arremata: "a paz da descrença". Longe de querer falar sobre a possibilidade de paz na descrença, o texto de hoje nos coloca diante de um outro tipo de paz: a paz que Cristo dá. Cristo aparece neste texto como o grande apaziguador, e assim o é, por três razões:

Em primeiro lugar, porque vem conosco (22-24). O contexto nos fala de um pai preocupado com a saúde de sua filha. Ele acredita que Jesus pode curá-la. Ao encontrar o mestre ele se prostra aos seus pés e suplica sua por sua filha. Ele, que era um líder da sinagoga, sabia que os "grandes mestres" não gostavam de ser importunados e que poderia inclusive ignorar tudo o que estava se passando. Contudo, ao ver que "Jesus foi com ele" (v.24) seu coração se encheu de esperança. A paz começou a brilhar novamente, qual o sol quando nasce depois de uma noite tempestuosa.

Em segundo lugar, porque fala conosco (vs. 35-36). Cristo ainda caminhava para a casa de Jairo quando um mensageiro os interceptou com uma mensagem terrível. "não incomode mais o mestre.. sua filha está morta!". A dura realidade agora se apresentava diante de Jairo. Sua querida filha estava morta. Imagino que por um momento o fôlego lhe faltou. As imagens de sua filhinha correndo e brincando pelas estradas empoeiradas de sua cidade lhes vieram à mente. E agora estava tudo acabado. Não, não estava! Aquele que vem ao nosso lado é também aquele que fala ao nosso coração. Jesus não permitiu que a dor e o sofrimento se apossassem do coração daquele pai. Por isso imediatamente interrompe o mensageiro e se manifesta: "não tenha medo, somente confie" (v. 36). Esta é a palavra para quando achamos que tudo está perdido. A mesma doce voz de Cristo também pode ser ouvida hoje em nossos corações por meio do Espírito Santo.

Em terceiro lugar, porque age em nosso favor (vs. 38-39). Jesus é o grande apaziguador porque, finalmente, opera seu milagre em nosso favor. Ao chegar em casa e contemplar sua filha sobre a cama, inerte, sem o calor da vida, é razoável imaginar que a dor tenha, mais uma vez se instalado. Mas, diante desta cena Jesus se manifesta mais uma vez. Jesus toma os pais da criança e seus discípulos e entra até o quarto onde está o corpo da menina. Estando lá, e ainda ouvindo o choro das carpideiras e dos familiares, Jesus toma a mão da criança e diz: "menina, eu te digo, levanta-te". Imediatamente a menina se levantou e andou. Ele não permite que pereçamos envoltos pela dor e pelo sofrimento. Sua palavra sempre nos dá um novo ânimo e, imediatamente, nos colocamos de pé e seguimos nosso caminho. Cristo disse certa vez: "Deixo-vos a paz...não vo-la dou como o mundo a dá". É uma pena que algumas pessoas só possam encontrar a paz na descrença. Mas a paz que Cristo pode e quer dar a cada um de nós, supera esta paz que, para o próprio Millôr é "apenas um entreato". (JLFA).